



LUAR

LIGA DE UNIÃO E ACÇÃO REVOLUCIONÁRIA

A "CONVERSA EM FAMÍLIA"  
DO SENHOR GOVERNADOR

O Sr. Governador foi à televisão e claro botou discurso. Sobre quê? Sobre as maneiras de resolver os problemas da população Madeirense? Sobre a repressão aos fascistas que põem as bombas? - Não. O Sr. Governador foi à televisão fazer uma "conversa em família" no estilo da outra se-  
nhora.

Quer isto dizer que o Sr. Brigadeiro Azeredo disse coisas disparatadas? Não. O Sr. Brigadeiro disse coisas muito importantes. Só que o Sr. Governador baralhou tudo. Fingiu que estava a ser sincero e foi levando a questão para o lado dos seus interesses.

Compete-nos a nós, organização revolucionária, vir esclarecer as classes trabalhadoras sobre a confusão do Sr. Governador. E que as classes trabalhadoras não se podem deixar enganar com aquela confusão. Por isso vamos esclarecer:

1- O Sr. Brigadeiro falou de desemprego e de crise económica, para afirmar que há pressões internacionais e falta de confiança dos investidores. Isto é verdade. O Sr. Governador não mentiu. Agora o que já não está certo é que o Sr. Brigadeiro nos queira fazer crer que isso é uma fatalidade - "até as grandes potências são inter-dependentes" disse o Sr. Governador. A independência nacional não é uma palavra vaga e significa que, embora havendo comércio com os outros países, não deve haver submissão ao estrangeiro. Foi aqui que o Sr. Brigadeiro tentou lançar-nos poeira nos olhos. A crise portuguesa deve-se ao facto de Portugal andar a lambar as botas dos sociais-democratas europeus e dos imperialistas americanos e porque indivíduos como o Sr. Brigadeiro se apoderaram dos postos de comando e impediram que os trabalhadores avançassem na construção duma economia socialista. Quanto à falta de confiança dos investidores o Sr. Azeredo julga-nos muito ingénuos. Não há falta de confiança nenhuma, há é sabotagem económica e seria extenso estarmos aqui a enumerar casos.

2- Diz ainda o Sr. Brigadeiro sobre o mesmo assunto que a "luta pelos trabalhadores" e as "manipulações" são outras das causas da mesma crise e do mesmo desemprego. Ora, Sr. Azeredo, aqui há muita confusão e muita asneira. Não há "luta pelos trabalhadores", os trabalhadores é que lutam contra a exploração capitalista. Quanto às "manipulações" seria bom que nos explicasse: fala o Sr. Brigadeiro da manipulação dos empregados da Empresa de cervejas da Madeira contra a nacionalização ou da que fazem os caciques, no campo? Quer o senhor falar da manipulação que o PPD e o seu braço secreto a "FLAMA" fez dos re-tornados para ocuparem a E.N. ou da que o senhor pretende fazer com esta sua conversa?

3- Fala o Sr. Governador de que é necessária mais produção para fazer frente à crise e diz que os sindicatos é que devem obrigar os trabalhadores a reivindicarem menos e a produzirem mais. Sr. Brigadeiro, nós estamos num sistema capitalista e se os sindicatos vão enveredar por esse caminho estão a fazer o jogo do capitalismo. Porque numa sociedade capitalista quem tira os lucros são os patrões e não os operários. Além disso os sindicatos não podem ser as polícias dos trabalhadores, mas devem ser instrumentos dos trabalhadores na luta contra a exploração capitalista.

4- Outro ponto é a violência. Aqui temos muita coisa a dizer Sr. Azeredo. Em primeiro lugar é que o Senhor é culpado dela, não só porque não reprime quem lança as bombas e, portanto, desencadeou esta violência, mas ainda porque tenta dar-lhes uma certa cobertura. Basta recordar que o senhor sempre libertou os indivíduos da FLAMA suspeitos de lançarem as bombas e demitiu o Padre Martins quando, em Machico, se tentou descobrir quem eram os autores desses atentados. Mas há mais. A violência não é uma quimera vaga. Há violência reaccionária e violência revolucionária. Não nos parece que as bombas, ou a violência por si empregada para desalojar as mulheres e as crianças que ocupavam a Câmara de Machico seja uma violência revolucionária. No entanto, a violência de que se serviu a Construção Civil e outros populares para desalojarem os reaccionários da E.N. era uma violência revolucionária. O Sr. Brigadeiro esquece-se de que as revoluções trazem dentro de si a violência - a violência dos explorados e oprimidos contra os opressores e exploradores.





Este esquema, senhor brigadeiro graduado, faz parte da luta de classes. A questão é saber de que lado se está. E pelos vistos o senhor está do lado do Capital. É por isso que o senhor como bom militar disciplinado, viu nas pedras, cacetes e cabos, encontrados no CIP, armas terrivelmente agressivas. Quase somos levados a pensar que as praias da Madeira são perigosos arsenais.

5-A propósito de "informação manipulada" gostaríamos que nos informasse a que extrema-esquerda se refere quando lhe chama reaccionária. Será o senhor que tenta manipular ou seremos nós que não sabemos o que é ser-se reaccionário? Julgamos saber o que seja ser-se reaccionário e portanto que é o senhor que tenta manipular o povo da Madeira. Senão vejamos as suas alusões às gloriosas FAPLA e à FRELIN. O senhor não compreende que transmitindo a E.N. despachos da Emissora Oficial de Angola, afecta ao MPLA fale das gloriosas FAPLA? Pretenderá o Sr. Brigadeiro alistar-se no exército Sul-Africano ou Zaireense que invadiram Angola para calar a voz do MPLA? E já agora dizemos-lhe porque é que as FAPLA são mais gloriosas do que as forças dos "movimentos" a si affectos. É que o MPLA é o povo de Angola e as FAPLA são o braço armado deste povo em luta contra o imperialismo e a invasão estrangeira. Quanto à FRELIN deve o senhor ter ouvido as declarações do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia e portanto deve ter compreendido a razão do nosso apoio a esse movimento revolucionário.

Estamos portanto de acordo em que há da sua parte "toda uma distorção do problema da descolonização que é grave, porque toda a ofensa à informação e à verdade é sempre grave". Como o senhor está "a trabalhar para que o povo da Madeira tenha a informação que merece", esperamos que tome medidas para que o jornal da Diocese passe a ser só o órgão da Diocese e não do PPD como tem sido até aqui.

6-Quanto aos ataques ao VI Governo e quanto à disciplina no exército permitimo-nos citar o seu superior hierárquico General Carlos Fabião, chefe do EME quando diz: "Vamos assistir à continuação dum clima de agitação enquanto o Governo não tomar medidas concretas rumo ao socialismo susceptíveis de fazer descansar a esquerda de forma a que ela sinta que não está a ser lograda na sua revolução." E ainda: "a disciplina nas unidades militares só pode existir desde que os soldados reconheçam nos comandantes competência e uma autoridade politico-militar. Isto é: os homens tem que sentir que quem os comanda está na mesma revolução que eles".

É estranho que quem tanto falou de "hierarquia e disciplina" seja o primeiro a dar mau exemplo aos homens que comanda ao manifestar conceitos e actos que em nada se coadunam com as posições do seu superior hierárquico o chefe do EME. A quebra de "disciplina e de hierarquia" começa em si, Sr. Brigadeiro, e em todos os que neste momento não defendem os interesses do povo trabalhador. Se como o senhor diz citando um general russo "o exército é a alma do povo" é necessário que surjam entre nós os SUV (Soldados Unidos Vencerão) de que o Sr. Brigadeiro não gosta mas que o chefe do EME considera "uma boa resposta de esquerda a uma situação perigosa de avanço da reacção".

É isso fazem falta os SUV e o EXÉRCITO POPULAR

NÚCLEO REGIONAL DA MADEIRA DA LIGA DE UNIÃO E ACÇÃO REVOLUCIONÁRIA

L.U.A.R.

ABM